ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: EDUCAMOS MESMO QUANDO NÃO FALAMOS SOBRE SEXO COM AS CRIANÇAS*

Jaciara Santana dos Santos[1]
Jacy.ana@hotmail.com

RESUMO

Seja na escola, em casa, na rua, pelo rádio, pela televisão, em novelas, e outros veículos de comunicação, estamos de alguma forma educando crianças, jovens e adultos sexualmente. Pensando nesta problemática e em experiências vivenciadas no cotidiano escolar, resolvemos escrever sobre o assunto, contribuindo para rever conceitos e combater preconceitos acerca desta temática. Este artigo foi desenvolvido através de pesquisa bibliográfica, a partir de obras que versam sobre o tema: *Orientação Sexual*, com o objetivo de ampliar o nosso conhecimento diante deste assunto, tão importante para a educação da criança e do pré-adolescente.

Palavras–chave: Orientação. Sexualidade. Escola. Professor. Família.

1 INTRODUÇÃO

A iniciativa de realizar esta pesquisa partiu do propósito de investigar maneiras de orientar sexualmente crianças em fase escolar, já que a sexualidade se manifesta naturalmente em nosso cotidiano, requerendo dos profissionais uma postura de naturalidade e segurança ao lidar com tais manifestações.

A Orientação sexual se dá pela necessidade de compreendermos que, mesmo quando não falamos sobre sexo com as crianças estamos educando-as sexualmente. Seja a partir de algumas manifestações públicas de carinho, de desejo, prazer, sentimentos, ou do contato com a mídia, que explora bastante o sexo e o erotismo (EGYPTO, 2003).

---

* Trabalho elaborado sob a orientação da Profª. Andréa Hermínia de Aguiar Oliveira.
[1] Acadêmica do 8º período, Curso de Pedagogia, Faculdade São Luis de França.

Quando nos negamos a responder algum questionamento que uma criança venha a nos fazer sobre sexualidade, automaticamente estamos dizendo que sexo é algo proibido, que é errado. E desta maneira compromete-se todo um ciclo de aprendizagem que vem acontecendo desde o nascimento.

Falar sobre sexo é importante, ainda mais nos tempos de hoje, onde todos partilham essa responsabilidade, seja a escola, a família ou a sociedade. O que de uma forma ou de outra acaba acontecendo espontaneamente no dia a dia. Em qualquer lugar ou momento as crianças estão sendo norteadas sexualmente, isso é fato. Por mais que a nossa razão diga que é cedo para falar sobre sexo com crianças, o nosso corpo já fala por si só, todos os dias, sem que isso dependa da nossa vontade.

Portanto, seja na escola, em casa, na rua, pelo rádio, pela televisão, em novelas, e outros veículos de comunicação, estamos de alguma forma educando crianças, jovens e adultos sexualmente. Pensando nesta problemática e em experiências vivenciadas no cotidiano escolar, resolvemos escrever sobre o assunto, contribuindo para rever conceitos e combater preconceitos acerca desta temática.

Trata-se de um tema extremamente ligado ao curso de pedagogia, vivenciado por todos os professores no contexto escolar, os quais são permanentemente questionados sobre esse assunto.

A escolha por este tema foi definida a partir de pesquisas bibliográficas realizadas nesta instituição de ensino. Também pela motivação obtida no decorrer destas pesquisas, além da originalidade, pois não há artigos científicos produzidos na instituição que tratem do assunto sexo, com esse novo olhar.

Segundo Medeiros (2004, p. 51), a pesquisa bibliográfica “é aquela que busca o levantamento de livros e revistas de relevante interesse para a pesquisa que será realizada. Seu objetivo é colocar o outro diante da nova pesquisa e de informações sobre o assunto de seu interesse”.

Segundo Barros e Lehfeld (2005, p. 87), “analisar significa buscar o sentido mais explicativo dos resultados da pesquisa”. Para elaborar este artigo utilizamos a análise qualitativa, a partir da leitura e decomposição dos dados obtidos, no confronto entre as teorias estudadas.

Vários autores escrevem sobre orientação sexual na escola e no ambiente familiar, como Antônio Carlos Egypto, Julio Grappo Aquino, dentre outros. Porém, na prática observa-se que ainda há uma resistência sobre a maneira como este assunto deve ser levado à sala de aula, assim como em casa pela família, enfim, na sociedade de um modo geral.

Ao negarmos esse conhecimento, estamos transmitindo uma idéia de que sexo é uma coisa ruim, que é proibido. Contudo, para educar uma criança sexualmente, nem sempre é necessário que se fale diretamente sobre isso, pois, elas vêm diariamente cenas que aguçam a sua curiosidade e lhes provocam um sentimento de inquietação e vontade de saber mais. E muitas vezes reproduzem o que vêm com outras crianças, além da descoberta de sensações geradas em seu próprio corpo, quando se deparam com essas cenas.

É necessário construir uma relação de parceria entre família, escola e sociedade para que a descoberta da sexualidade aconteça de forma adequada e no tempo de cada criança, evitando assim, surpresas desagradáveis no futuro, como uma gravidez prematura, doenças sexualmente transmissíveis e o abuso sexual de adultos contra crianças. O desafio para as escolas e professores reside exatamente em saber promover e conduzir essa relação de parceria, a fim de favorecer o desenvolvimento saudável de seus alunos.

2 ORIENTAÇÃO SEXUAL E O PAPEL DA ESCOLA

Segundo Egypto (2003, p. 13), a sexualidade está presente na vida de todos nós, desde que nascemos até quando morremos, e a educação sexual acontece constantemente, de uma forma ou de outra. Estamos sempre sendo educados sexualmente, seja em casa, com a postura e as opiniões de pais e filhos, seja por meio da mídia, assistindo a programas na televisão, lendo reportagens nas revistas e jornais, navegando na *internet*.

Recebemos o tempo todo informações e uma carga de idéias e de preconceitos a respeito da sexualidade. Sempre somos educados sexualmente, ainda que não pareça. E mesmo quando não falamos sobre sexo também estamos

educando, transmitindo a ideia de que sexo é uma coisa proibida, que não se fala disso abertamente, que não é um assunto que caiba à escola (EGYPTO, 2003).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 127), a proposta de orientação sexual caracteriza-se por trabalhar o esclarecimento e a problematização de questões que favoreçam a reflexão e a ressignificação das informações, emoções e valores recebidos e vividos no decorrer da história de cada um, que tantas vezes prejudicam o desenvolvimento de suas potencialidades.

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e no psiquismo das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos. Nesse sentido a sexualidade é entendida como algo inerente ao ser humano, que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes em cada etapa do desenvolvimento.

> A sexualidade infantil se desenvolve desde os primeiros dias de vida e segue se manifestando de forma diferente em cada momento da infância. A sua vivência saudável é fundamental na medida em que é um dos aspectos essenciais de desenvolvimento global dos seres humanos. (PCNs, 1997, p. 117)

Para Sayão (1997, p. 111), a discussão da sexualidade se caracteriza pelo aspecto informativo, biologizante e repressivo às manifestações da sexualidade. Em certos momentos históricos, teve como objetivo o controle da natalidade, e, mais recentemente, tem visado associar a idéia do prazer à sexualidade.

De acordo com Egypto (2003, p. 16), a escola é um lugar ideal para se discutir a sexualidade, pois é um ambiente de construção de conhecimentos, onde se produz diálogo e reflexões. Quando a escola se nega ou não se capacita para dar conta dessa responsabilidade, ela reforça uma idéia distorcida, de que a sexualidade não faz parte do conhecimento humano. Ao contrário, ao abordar a questão da sexualidade na escola, o que se pretende, além de evitar problemas como a gravidez precoce, é contribuir para a prevenção de doenças, promover a saúde e esclarecer o direito a uma sexualidade plena.

A grande mudança que um trabalho de orientação sexual proporciona consiste em discutir a questão do prazer, pois é fundamental que a escola possa ajudar na formação da identidade e permitir um desenvolvimento mais harmonioso, já que a sexualidade é fator essencial na construção da identidade: do “ser menino” ou

do “ser menina”, do que é ser homem ou ser mulher, entendendo os comportamentos e ações típicas de cada gênero. Essas são as primeiras questões que surgem para as crianças na escola e têm a ver com essa identidade básica, com a formação de sua personalidade. O papel da escola na orientação sexual é poder apresentar diferentes visões e colocar valores em discussão (EGYPTO, 2003).

Na escola, a sala de aula representa um espaço onde diferentes aspectos que configuram a cultura estão presentes: valores, interesses, ideologias, costumes, crenças, atitudes, tipos de organização familiar, econômica e social, como também diferentes padrões de comportamento sexual. Desse modo, a sala de aula passa a ser um ambiente cultural onde encontramos tensões, contradições e conflitos.

Portanto, a escola não deve se excluir da responsabilidade de esclarecer, nortear, informar e formar a sexualidade dos alunos. A formação de professores de ciências e biologia também deve compreender o delineamento do perfil pedagógico na perspectiva de um educador da sexualidade. Pois, nesse novo contexto o professor faz da educação sexual uma prática social dotada da intencionalidade de democratizar a sala de aula, respeitando os múltiplos aspectos da cultura nela presentes. (LOURENCINI, 1997, p. 93 - 94)

O trabalho de orientação sexual tem como particularidade a possibilidade de um contato direto com o adolescente viabilizando, desta maneira, se trabalhar as questões sexuais que surgem em brincadeiras e outras atividades. O caminho para se chegar ao esclarecimento e a prevenção, parte do diálogo, que funciona como uma ponte entre professor e aluno. (MACEDO; EGYPTO, 2003).

De acordo com Macedo (2003, p. 69), “é importante perceber como existe uma postura diferenciada no professor orientador de Orientação sexual; não podemos concluir pelos nossos alunos, devemos levá-los a construir suas descobertas”. (Ibidem, 2003).

Para a abordagem dos temas a serem discutidos, é fundamental que se crie estratégias específicas investindo e se utilizando de recursos diversos para o desenvolvimento e participação dos alunos. Cabe aos professores fazerem um planejamento prévio das aulas, com o objetivo de resolver questões imediatas com a ajuda da orientação sexual, valorizando também, todo o conhecimento adquirido fora dela. (Ibidem, 2003).

Portanto é imprescindível que os temas sejam escolhidos de forma diversificada, para que o professor possa planejar de forma diferenciada as dinâmicas que serão utilizadas no processo de desenvolvimento de cada tema, seguindo uma seqüência coerente em sua apresentação. O orientador corre um sério risco em responder perguntas que nem sequer foram feitas. O papel fundamental neste momento de diálogo é fazer com que se reflita sobre a hiperestimulação sexual que vivenciamos a todo instante. (Ibidem, 2003).

Apesar do papel crucial da escola quanto à orientação sexual, boa parte dos professores ainda não está preparada para promover discussões sobre sexualidade, detendo apenas conhecimentos sobre os aspectos biológicos da sexualidade, negligenciando sentimentos e valores característicos de cada um de nós. (BRÊTAS; JARDIM, 2006).

Por outro lado, o adolescente sob constantes transformações se sente estimulado sexualmente, devido aos hormônios que são característicos da puberdade, e apesar de estar fisicamente preparado para a reprodução, emocionalmente grande parte não possui esse mesmo nível de maturidade. Na escola, este encontra um espaço de múltiplas aprendizagens, onde tem a oportunidade de dialogar, discutir e esclarecer dúvidas, que não são respondidas no ambiente familiar. (Ibidem, 2006).

Orientar sexualmente requer um processo de intervenção, que para muitos ainda é da competência da família. Mas, quando falamos sobre sexo, a escola como lugar que reúne todas as etnias, crenças e culturas, possibilita este cenário propício para a abordagem de questões relacionadas à sexualidade e o professor, neste cenário, emerge como mediador do processo, tornando-se peça chave na integração da orientação sexual à vida escolar de seus alunos. (Ibidem, 2006).

A elaboração de estratégias que estejam relacionadas com a sexualidade é importante e, apesar das dificuldades que a escola enfrenta para cumprir o seu papel, no que tange ao trabalho de orientação sexual, ela deve estar preparada para ultrapassá-las. Pois, o desenvolvimento sexual faz parte da vida de todo ser humano, sendo vivenciado desde o nascimento e, como tal, deve ser inserido no contexto escolar de forma natural e compatível com as necessidades dos educandos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa contribuiu significativamente para o nosso esclarecimento e aprofundamento sobre a importância de abordar este tema no ambiente escolar, com o intuito de prever e alertar questões sexuais vivenciadas pelas crianças em fase escolar. Diante destas questões, faz-se necessário um maior preparo dos educadores para orientarem sexualmente as crianças.

Os temas relativos à sexualidade, na maioria das vezes, variam conforme a faixa etária, o grau de escolarização e o nível socioeconômico do grupo. A educação sexual, como um processo social no âmbito escolar, poderá ser analisada como um processo de transformação e mudança, que parte de um projeto grupal e atinge os indivíduos, cada qual com sua busca particular acerca do (s) sentido (s) da sexualidade. Portanto, a sala de aula pode ser uma espécie de laboratório de possibilidades de expressão da liberdade, permitindo que os alunos pensem e reflitam sobre si próprios. (LOURENCINI, 1997).

Muitos tabus ainda precisam ser quebrados. Mas esperamos que essa discussão estimule os profissionais e as escolas a buscar informações e implementar propostas voltadas para essa finalidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental.** Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade cultural, orientação sexual / Secretaria de Educação Fundamental**.** – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental.** Parâmetros Curriculares Nacionais. Tema transversal: orientação sexual. (1ª a 4ª e 5ª a 8ª séries). Brasília: MEC/SEF, 1997/1998.

EGYPTO, Antonio Carlos (org). **Orientação sexual na escola:** um projeto apaixonante. São Paulo: Cortez, 2003.

GUIMARÃES, I. **Educação sexual na escola:** mito e realidade. Campinas, Mercado de letras, 1995.

JARDIM, Dulcilene Pereira. In: BRÊTAS, José Roberto da Silva . **Orientação sexual na** escola**:** a concepção dos professores de Jandira – SP: Revista brasileira de enfermagem, Rev Bras Ed. 2006.

LOURENCINI, Álvaro Júnior. (1997), **Os sentidos da sexualidade:** natureza, cultura e educação. In: GROPPA, Julio Aquino (coordenação de Julio Groppa Aquino). Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo, p. 93 á 94 e p. 111.

MACEDO, Maria Cecília. A metodologia da orientação sexual. In: Egypto, Antonio Carlos (org). **Orientação sexual na escola:** um projeto apaixonante. São Paulo: Cortez, 2003.

PEREIRA, Dulcilene Jardim. In. BRÊTAS, Roberto José da Silva . **Orientação sexual na escola:** a concepção dos professores de Jandira – SP: Revista brasileira de enfermagem, Rev Bras Ed. 2006.

SAYÃO, Rosely. **Sexo:** prazer em conhecê-lo. Porto Alegre: Artes e ofícios, 1995.